

CONHECENDO CHUÑI BENITE, O LITERATO DE VILLA SAN JUAN: UM PASSEIO PELO HIBRIDISMO CULTURAL E PELAS FRONTEIRAS ENTRE REALIDADE, POLÍTICA E FICÇÃO NO JORNALISMO RESISTENCIANO

Arthur Aroha Kaminski da Silva¹

Resumo: Este artigo aborda o portal online de humor jornalístico nomeado *Angaú Noticias*. Uma espécie de jornal de autoria anônima sediado na cidade de Resistencia, capital da província de Chaco, norte da Argentina, cuja única assinatura ou autoria indicada é a de um personagem ficcional: o “literato” Chuñi Benite. O presente artigo pretende a visualização da proposta literária e jornalística do portal como um produto cultural ficcional de grande potencial simbólico, político e histórico. Para tanto, tenciona a análise específica de um dos textos do portal online, exemplificando seu potencial através de sua inserção nas discussões das relações entre realidade e ficção, história e literatura, jornalismo e hibridismo cultural, como entendidas por autores como Jacques Rancière, Juan José Saer, Néstor García Canclini e Rosane Kaminski. O artigo discute e questiona assim também a construção valorativa estabelecida nos últimos séculos entre o que se considera “verídico” e “ficcional”. Além de contextualizar a produção e existência do portal dentro do cenário sócio-político em que se insere.

Palavras-chave: Ficção. Realidade. *Angaú Noticias*. Chuñi Benite. Chaco.

¹ Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (PPGLET/UFPR), é também Bacharel em Escultura pela Escola de Música e Belas Artes da Universidade Estadual do Paraná (Embap/Unespar), e técnico em Eventos pelo Instituto Federal do Paraná (IFPR). Tem entre seus principais interesses atualmente as poéticas e culturas da infância, e a análise literária de gêneros como o fantástico e o terror, além de uma eclética atração por diversas áreas da História, História da Arte, Filosofia, Psicologia e Comunicação. E-mail: arthuraroha@gmail.com

MEETING CHUÑI BENITE, VILLA SAN JUAN LITERATE: A TOUR BY THE CULTURAL
HIBRIDISM AND THE BORDERS BETWEEN REALITY, POLITIC AND FICTION IN THE
RESISTENCIANO JOURNALISM

Arthur Aroha Kaminski da Silva

Abstract: This article covers the online portal of journalistic humour named *Angaú Noticias*. A kind of anonymous authored newspaper based in the city of Resistencia, capital of the Chaco province, northern Argentina, whose only signature or indicated authorship is that of a fictional character: the “literate” Chuñi Benite. Intending the visualization of the literary and journalistic proposal of the Argentinian humor site as a fictional cultural product of great symbolic, political and historical potential. It also intends to exemplify this with an analysis of one of the online portal’s texts, exemplifying its potential through its insertion in the discussions of the relations between reality, fiction, journalism, history and cultural hybridity, as they’re understood by authors like Jacques Rancière, Juan José Saer, Néstor García Canclini and Rosane Kaminski. Therefore discussing and questioning the valuative concept established in the last centuries between what is considered “truthful” and “fictional”. In addition to contextualize the production and existence of the portal in the socio-political scenario in which it fits.

Keywords: Fiction. Reality. *Angaú Noticias*. Chuñi Benite. Chaco.

O presente artigo aborda a proposta literária do portal online argentino de autoria anônima *Angaú Noticias*. Um site que se propõe como um jornal online – e que, à primeira vista, não parece diferir de qualquer portal de notícias tradicional –, mas que é um portal de humor e de crítica em níveis diversos (político, literário, jornalístico, cultural). A análise deste portal se dará através de discussões teóricas sobre hibridismo cultural, biografia e as relações entre verdade e ficção conforme propostas por autores como Jacques Rancière, Juan José Saer, Néstor Garcia Canclini, e Rosane Kaminski. E o que proponho através desta análise é uma breve reflexão sobre o processo de produção de ficção como modo de significar e interpretar o mundo, e também de interferir na percepção já estabelecida sobre a realidade histórica e social. A escolha pelo *Angaú Noticias* como ponto de partida para esta reflexão se deu pelo caráter híbrido entre ficção e documento que possui: um jornalismo com o uso de personagens fictícios e humor.

O *Angaú Noticias* se diz sediado na cidade de Resistencia,² capital da província do Chaco no norte da Argentina, e publica artigos regularmente desde meados de 2008. Organiza-se em fato como um periódico, com seções de notícias locais, nacionais, internacionais, cadernos de economia, esportes e variedades. E noticia fatos e histórias efetivamente ocorridos e também noticiados por outros meios de imprensa. Em suma, funciona efetivamente como um periódico. Mas seus artigos possuem uma fortíssima veia cômica, às vezes de escracho, e quase sempre em tom muito irônico e crítico a dois principais alvos: o meio jornalístico e o meio literário.

2 Resistencia é uma cidade de cerca de 400 mil habitantes, conhecida na Argentina como “*capital de las esculturas*” por ter suas ruas e calçadas tomadas por uma miríade de trabalhos de arte deste tipo, além de sediar uma Bienal de Escultura que está, provavelmente, entre as maiores do nicho no continente. Ademais, é a capital da província do Chaco, uma das regiões com maior concentração de população de origem indígena originária na Argentina. E, infelizmente, também de maior concentração de população em situação de pobreza no país. Como veremos neste artigo, estas combinações entre potencial artístico, contexto histórico, e tensão econômica, acabam por gerar produções culturais bastante interessantes.

Sendo o slogan “*la prensa que te miente pero avisa*” e o termo “*Angaú*”³ os primeiros indícios que o leitor tem do intuito da proposta, que me parece ser, através da paródia, questionar a confiabilidade da imprensa como um todo. Discutir a questão da informação “real”, da “veracidade”, e o hábito de se considerar os meios de imprensa como baluartes da verdade.

O anonimato do(s) autor(es)⁴ é também característica marcante, já que o jornal é mantido por personagens ficcionais: quase todos os artigos são assinados pelo mesmo sobrenome, “Pepe”, antecedido por alguma outra palavra aleatória. Na maioria das vezes uma piada com algum termo em inglês, como “*Dondudad Pepe*” (*Don’t do that Pepe*), ou “*Donlai Enimor Pepe*” (*Don’t lie anymore Pepe*), entre inúmeros outros possíveis exemplos. A estes autores-personagens, os “Pepes”, soma-se a outra figura que parece dar vida ao jornal: Apolinario Fitzgerald Chuñi Benite. Indivíduo (ficcional) que, além de assinar alguns artigos, por vezes “atua” como repórter de campo para o jornal, se tornando ele mesmo participante dos eventos relatados pelos Pepes. E que tem de certa forma sua biografia contada através dos vários artigos que o citam, além de uma *Fan Page* própria. O *Angaú Noticias* é, então, ao mesmo tempo, um jornal e uma obra de ficção, e ele se propõe a ser exatamente isto: um híbrido.

Antes de continuarmos nosso passeio pelo contexto resistenciano, e de olharmos mais detalhadamente para a figura de Chuñi Benite e para outras características dos textos dos Pepes, entretanto, proponho que façamos uma pausa para conversar com os teóricos citados no início do texto. A fim de aprofundar a discussão sobre o hibridismo realidade/ficção aqui pretendida, proponho darmos ouvidos a alguns apontamentos de Juan José Saer em seu livro *El concepto de ficción*. Inicialmente se referindo às obras de cunho biográfico, por exemplo, diz Saer que:

3 *Angaú* é uma palavra de origem guarani que significa algo próximo de “supostamente” ou “como que” (no sentido de “similar a”). Que é amplamente utilizada no *resistencianismo* e *correntinismo* (espanhol regionalizado das regiões de Resistencia e Corrientes, no nordeste argentino) para se referir a algo que parece, mas não é exatamente verdade. Ou seja, se refere a uma lorota, muitas vezes em tom de deboche.

4 A única referência à possível autoria é o nome Sergio Schneider, que surge na parte de informações do site. Ele é indicado como sendo o “*vocal suplente*” do portal, junto de piadas como “*Director: em trámite*” e “*Redacción: bastante*”, além de alguns links para contato falsos. Uma breve pesquisa revela que Sergio Schneider é um jornalista de Chaco, que escreve para diversos jornais do país. Seria necessária uma pesquisa maior, entretanto, para afirmar que o senhor Schneider tem relação direta com a produção do *Angaú Noticias*, ou se a presença de seu nome se trata de mais uma piada do portal.

La primera exigencia de la biografía, la veracidad, atributo pretendidamente científico, no es otra cosa que el supuesto retórico de un género literario, no menos convencional que las tres unidades de la tragedia clásica, o el desenmascaramiento del asesino en las últimas páginas de la novela policial. El rechazo escrupuloso de todo elemento ficticio no es un criterio de verdad. Puesto que el concepto mismo de verdad es incierto y su definición integra elementos dispares y aun contradictorios, es la verdad como objetivo unívoco del texto y no solamente la presencia de elementos ficticios lo que merece, cuando se trata del género biográfico o autobiográfico, una discusión minuciosa (SAER, 2014, p. 10).

Saer assume assim um tom crítico ao que considera uma pretensão “científica” inalcançável por parte de obras que se propõe a contar a “verdade” sobre a vida de uma pessoa. Propondo que a biografia, em fato, é um gênero literário que não difere, necessariamente, de uma obra de ficção. Considero esta proposição interessante no contexto deste artigo, pois propõe retirar o gênero biográfico do pedestal regido por um discurso de detentor da verdade, documental, e aproximá-lo de outros gêneros literários. Algo que, como veremos, o *Angáú notícias* parece pretender em relação ao texto jornalístico.

Esta suposta maior fiabilidade de determinados textos ou documentos é algo que Saer ataca insistentemente. Levando adiante suas reflexões sobre o gênero biográfico, ele nos diz que:

Lo mismo podemos decir del género, tan de moda en la actualidad, llamado, con certidumbre excesiva, *non-fiction*: su especificidad se basa en la exclusión de todo rastro ficticio, pero esa exclusión no es de por sí garantía de veracidad. Aun cuando la intención de veracidad sea sincera y los hechos narrados rigurosamente exactos —lo que no siempre es así— sigue existiendo el obstáculo de la autenticidad de las fuentes, de los criterios interpretativos y de las turbulencias de sentido propios a toda construcción verbal (SAER, 2014, p. 10).

Abarcando assim também a questão da veracidade em gêneros de escrita que são tratados como exclusivamente não ficcionais. E apontando que não é possível garantir a veracidade crua de qualquer informação, mesmo nestes gêneros tidos como “mais fiáveis”. De jornais a documentários, de textos acadêmicos a biográficos, é impossível afirmar com segurança que qualquer texto é imune à ficcionalidade. Este tom crítico, entretanto, é importante esclarecer, não se dá em relação ao gênero da não ficção, mas sim ao discurso que propõe ele como oposto à ficção. E este discurso de oposição entre ficção e não ficção,

especialmente no que tange à tendência de maior valorização do segundo em detrimento do primeiro, é possivelmente um dos focos críticos do *Angá Notícias*, que, em última instância, é uma sátira a esse discurso.

Quem também aborda, e vai ainda mais longe neste tema é Jacques Rancière, em seu livro *A partilha do Sensível* (2009), no qual, entre outros tópicos, o autor aborda a relação entre a racionalidade ficcional ou “razão das ficções” – já que a ficção possui formas e regras de ordenamento e composição próprias –, e os modos existentes de explicação da realidade histórica e social, que ele nomeou “razão dos fatos”. A discussão está presente principalmente no quarto capítulo, nomeado *Se é preciso concluir que a história é ficção*, em que Rancière remexe numa das questões mais polêmicas da disciplina de História: a relação entre literatura e história, entre ficção e realidade. E procura questionar ou mesmo revogar a linha de divisão aristotélica entre a história do historiador e do poeta. Para Rancière, a “realidade” dos fatos é algo desordenado. É o discurso historiográfico que, fazendo uso de elementos convencionados pela racionalidade formal da ficção, confere uma aparência de ordem ao narrar fatos. Nas palavras do autor:

Dito de outro modo – e isso é evidentemente algo que os historiadores não gostam muito de olhar de perto –, a nítida separação entre realidade e ficção representa também a impossibilidade de uma racionalidade da história e de sua ciência. A revolução estética redistribui o jogo tornando solidárias duas coisas: a indefinição das fronteiras entre a razão dos fatos e a razão das ficções e o novo modo de racionalidade da ciência histórica (RANCIÈRE, 2009, p. 54).

Ou seja, para Rancière, a própria existência da História enquanto disciplina só é possível através da aceitação da não existência de uma separação clara do literário. Pois a própria escrita da história se faz pela linguagem. E sendo a linguagem uma convenção, ela está sempre sujeita a filtros de interpretação subjetiva e variável. O autor toca, então, no que Carlo Ginzburg chamava de “contiguidade entre ficção e história” (GINZBURG *apud* KAMINSKI, 2013, p. 66). Sendo esta proposta de Rancière também uma proposta de valorização por parte do olhar do pesquisador para com os produtos ficcionais. As ficções são, afinal, construções intencionais que fazem parte do “saber cultural”, são produtores de sentido que interferem em nossa percepção do mundo: “Os enunciados políticos ou literários fazem efeito no real” (RANCIÈRE, 2009, p.59).

Esta valorização do pesquisador em relação às produções ficcionais é abordada pela historiadora Rosane Kaminski em seu texto *Reflexões sobre a pesquisa histórica, a ficção e as artes*. Em que a autora procura

(...) fundamentar uma tomada de partido teórico-metodológico no desenvolvimento e na orientação de pesquisas que articulam História e Artes. [No sentido de] (...) adensar, então, no âmbito da pesquisa histórica, um viés interpretativo sobre os produtos culturais ficcionais que evidencie seus *efeitos no real*, valorizando a historicidade e a potência política dos produtos artísticos que, assim, ganham corpo, ao contrário de serem vistos como reflexos do real ou como uma dimensão à parte do mundo da vida (KAMINSKI, 2013, p.65).

Para tanto, Kaminski procede com a análise de discursos de diversos teóricos (Rancière inclusive) que abordaram a questão da contiguidade entre ficção e história. Ela nos explica, citando Hayden White e Michel de Certeau, que a separação entre ficção e verdade vem de uma linha de pensamento construída no século XIX entre os próprios historiadores. Que passaram a “(...) identificar a verdade com o fato e considerar a ficção o oposto da verdade, portanto um obstáculo ao entendimento da realidade e não um meio de apreendê-la” (WHITE *apud* KAMINSKI, 2013, p. 68). Num processo de desenvolvimento, por parte da História enquanto disciplina, de práticas e convenções “(...) para que o discurso histórico fosse percebido como o *lugar da verdade* do passado” (CERTEAU *apud* KAMINSKI, 2013, p. 68). Algo similar, talvez, ao que fez (faz) o jornalismo no sentido de produzir um discurso de *lugar da verdade* do presente. Estas são convenções que Kaminski questiona, propondo que “a ficção não é necessariamente incompatível com a ideia de verdade” (KAMINSKI, 2013, p.66). E aqui podemos voltar a Saer, que resume o embate valorativo entre fiel à realidade versus ficcional existente no seio das ditas *non-fictions* da seguinte maneira:

Podemos por lo tanto afirmar que la verdad no es necesariamente lo contrario de la ficción, y que cuando optamos por la práctica de la ficción no lo hacemos con el propósito turbio de tergiversar la verdad. En cuanto a la dependencia jerárquica entre verdad y ficción, según la cual la primera poseería una positividad mayor que la segunda, es desde luego, en el plano que nos interesa, una mera fantasía moral (SAER, 2014, p.10-11).

É na oposição a esta “fantasia moral” que o *Angaú Noticias* encontra seu norte. O já citado slogan “*la prensa que te miente pero avisa*” é uma clara referência à toda a imprensa dita oficial que prega divulgar a “verdade”, como se a verdade fosse um objeto sólido e imutável a ser passado adiante sem alterações. Quando, efetivamente, nem sempre o

que é divulgado através dela é essencialmente a *verdade* nua e crua, até porque esta é, muitas vezes, inalcançável em sua plenitude. Desta forma o *Angaú Noticias* se declara mais 'honesto', já que desde o princípio declara que *pode* mentir, ou que nem tudo o que lá se publica é necessariamente verdade. Claro que o termo "*miente*", ali aplicado a toda a imprensa, pode soar forte ou exagerado, já que dentre os meios da imprensa muitos indivíduos procuram, cada qual à sua maneira, ser de fato fiéis (na medida do possível) às suas fontes. Mas o caráter paródico do *Angaú Noticias* procura sempre exacerbar estes pontos conflituosos entre teoria e moralidade. O *Angaú Noticias* é o jornal (pois sim, atua como um jornal) que se aceita como ficção, e leva isso às últimas consequências, criando inclusive um personagem puramente ficcional que se insere em eventos reais. E, para exemplificar isto, proponho abordar e analisar uma matéria específica do portal.

A matéria que escolhi foi publicada em 18 de setembro de 2016. É intitulada "*Bochornosa expulsión del literato Chuñi Benite en la inauguración del McDonald's chaqueño*", e é assinada por Dondudad Pepe. Como o título sugere, o artigo ronda a inauguração de um restaurante da famosa rede ianque de *fast food* McDonald's em solo resistenciano. Mais do que uma simples inauguração, na verdade, noticia a abertura da primeira loja da rede na província de Chaco – o que veio ocorrer somente trinta anos depois da chegada da franquia norte-americana à Argentina –, e os efeitos que isto terá sobre a sociedade e economia locais. Pensando nisso, creio ser importante, antes de seguirmos com a descrição do artigo, procurarmos nos contextualizar – mesmo que superficialmente – com a realidade social e cultural do Chaco argentino.

A província de Chaco faz parte da região do Norte Grande argentino. É uma das províncias com maior proporção de população indígena originária no país e, junto da vizinha Corrientes, é uma das únicas províncias que possuem mais de um idioma oficial. No caso de Chaco, além do espanhol, são considerados idiomas oficiais o *qom* (língua nativa da etnia homônima), o *moqoit* (da etnia Mocoví) e o *wichi* (de etnia homônima). Seu processo de urbanização é extremamente recente, tendo ocorrido somente após a conquista da região pela República Argentina, já na passagem do século XIX para o XX. Durante todo o período de ocupação espanhola na América, a região que hoje é a província de Chaco foi apenas alvo de missões e reduções jesuíticas, não tendo grande interesse

econômico para a coroa. O que permitiu às populações indígenas locais manterem controle sobre a região, destruírem por diversas vezes as tentativas de reduções, e ameaçarem até a cidade de Corrientes, principal centro colonial no norte argentino e ponto de conexão entre as colônias de Buenos Aires e Asunción. Posteriormente, após os processos de independência, o território ficou em litígio entre Paraguay e Argentina, embora não ocupado por nenhuma das duas nações. E só após a deflagração da Guerra do Paraguai, e posterior vitória da Tríplice aliança da qual a Argentina fez parte, é que o governo argentino iniciou o processo de ocupação do que hoje é a província do Chaco. Processo de ocupação este que é chamado de “conquista do Chaco”, e que se deu de maneira belicista, através de uma campanha militar da República Argentina contra as populações indígenas da região. Este conflito só teve fim por volta de 1920.

A capital, Resistencia, foi fundada em 1878 e hoje, com quase quatrocentos mil habitantes, forma um conurbado urbano com sua vizinha Corrientes (capital da província homônima). O nome da cidade deriva exatamente dos conflitos contra indígenas: a cidade teria sido fundada em local de resistência militar, de intermináveis conflitos entre espanhóis, correntinos e, posteriormente, argentinos e as populações indígenas de Chaco. Tudo isto poderia explicar a pouca urbanização e desenvolvimento econômico da província, que teve boa parte de sua população originária exterminada em conflitos muito recentes, e cuja economia se apoia ainda hoje no setor primário: extração de madeira, pecuária e monocultura de algodão. Esta economia de exploração, comum também a outras províncias da Região do norte grande argentino, faz de Chaco uma das regiões de maior concentração de população em situação de pobreza na Argentina. Visto este breve panorama histórico, ficará mais fácil entender o simbolismo do protagonista Chuñi Benite e de muitos dos artigos do *Angaú Noticias*. Servirá também para entender algumas escolhas e características textuais dos artigos dos Pepes.

Os textos de Chuñi, assim como os dos Pepes, têm uma característica bastante marcante: uma intencional escrita coloquial. Mais que isso, a linguagem não só emula a linguagem coloquial, mas a linguagem coloquial das classes sociais de baixa renda de Resistencia. É visível que o autor (ou autores) conhece tão bem o sistema da língua que explora ele. E produz os textos do *Angaú Noticias* não numa linguagem formal típica do

jornalismo, mas sim simulando a linguagem falada nas *Villas*⁵ de Resistencia. Os textos são assim cheios de expressões linguísticas locais e termos provenientes de idiomas indígenas (de onde vem o *Angaú*, como já vimos, por exemplo). Imitam a linguagem do dia a dia dos “*Vagos*”, como são chamados localmente os jovens de classe social média e baixa.

O próprio termo “*Vago*”, como é possível deduzir rapidamente, é carregado de uma carga pejorativa.⁶ Na Argentina, é uma expressão amplamente difundida já há séculos para se referir a populações humildes, a comunidades de trabalhadores de baixa renda, a desempregados, ou pessoas de ocupação “incerta”. A própria definição em dicionário do termo define *Vago* como “alguien que tiene poca disposición para hacer algo que requiere esfuerzo o constituye una obligación, especialmente trabajar”. É sinônimo de preguiçoso, apático, ou, no vocabulário do brasileiro médio, “vagabundo”. Em última instância, é um daqueles termos que explicita o preconceito de uma população em relação àquela camada social que é mais explorada pela sua sociedade. Um termo utilizado com o intuito de culpabilizar um grupo ou alguém em situação de pobreza pela sua condição, sem atentar ao contexto histórico e social que deu origem àquele cenário.

“*El insigne literato*” Apolinario Fitzgerald Chuñi Benite é um escritor habitante de *Villa San Juan*, alcunha de uma região de concentração de população de baixa renda de Resistencia. Benite é o que parte da população argentina chamaria de *Vago*. As informações (de forte viés cômico) que nos são passadas pelo *Angaú Noticias* e pela Fan Page oficial do literato dão conta de uma figura ébria e “pouco produtiva”. Mas, ao mesmo tempo, dão conta de uma figura que, através de suas ações, escancara tensões e profundas questões sociais do cotidiano *chaqueño*. Chuñi Benite é um personagem, uma ficção de veia cômica, mas também é uma potência cultural, uma entidade carregada de simbolismo.

Benite é sempre referido pelo jornal como sendo um autor e pensador famoso, como uma figura respeitada no meio cultural *chaqueño*. Para o *Angaú Noticias*, ele é o maior herói *chaqueño*. E é interessante perceber, para além da inicial aparente comicidade de se chamar um velho alcoólatra e pobretão de “*insigne literato*”, a acidez que o personagem carrega em

5 *Villas* é como são chamadas as regiões ou bairros de concentração de população de baixa renda. Em termos brasileiros, poderíamos dizer que são espécies de favelas.

6 Embora localmente o termo tenha sido assimilado pelos próprios jovens para referirem-se a si mesmos, a origem do termo tem uma conotação pejorativa.

relação àqueles que se consideram, efetivamente, “*insignes literatos*”. Por que, inicialmente, parece cômico tratar Benite como uma figura ilustre, como um homem culto? A potência do personagem, como veremos, é escancarar nossos próprios preconceitos enquanto sociedade. As escolhas de cunho textual, juntamente da criação deste personagem, fazem dar voz a uma população comumente ignorada e não representada em meios midiáticos. A um grupo social marginalizado pela sociedade em que se insere. Através deles, texto e personagem, o(s) autor(es) do *Angaú Noticias* cutucam feridas, questionam e fazem críticas políticas e sociais. E, para entender este processo – e me desculpo pelo longo parêntese –, proponho voltarmos à matéria que propus analisar.

O texto “*Bochornosa expulsión del literato Chuñi Benite en la inauguración del McDonald’s chaqueño*” narra a participação fictícia de Benite num evento que, como vimos, efetivamente ocorreu. Se, de um lado, a participação é fictícia, por outro lado as questões por ele abordadas, como veremos, são bem reais. Ao evento dito real de inauguração da loja atenderam algumas figuras políticas influentes da cidade, como atestam matérias publicadas em jornais “sérios”. Caso do *Diario Norte*, e do *Chaco día por día*, que publicaram matérias sobre o assunto.⁷ Enaltecendo o comparecimento do então governador de Chaco, Domingo Peppo, à “solenidade”. O político, acompanhado de investidores, empresários, e de outros ocupantes de cargos públicos,⁸ deu as boas-vindas à franquia norte-americana. Chegada esta que é vista com muito bons olhos também pelos redatores do *Diario Norte* e do *Chaco día por día*, cujos textos são marcados por um intenso otimismo, exaltando as oportunidades de negócios para produtores locais que daí virão, a quantidade de empregos gerados pela franquia, e a capacitação que gerará. Euforia transmutada em frases como: “*La llegada de McDonald’s a Chaco, 30 años después del desembarco de la marca en*

⁷ As matérias completas podem ser acessadas através dos links informados ao final do artigo.

⁸ Dentre os quais acho curioso apontar o *intendente* (prefeito) Jorge Milton Capitanich, pelo fato de ele ser ex-governador da mesma província, e irmão de Daniel Capitanich, então vice de Peppo no governo. Informações estas que sugerem muita coisa sobre a política resistenciana, que aparentemente tem similaridades com a brasileira no que tange ao domínio e/ou conflito contínuo de certas famílias ou grupos sobre as políticas regionais. Há no artigo, inclusive, uma piada sobre o intendente e o governador estarem “concorrendo” pela comida servida no evento, numa piscada de olho para o leitor no sentido de apontar a tensão entre os dois políticos: resultado de que os Capitanich eram então alinhados ao grupo político de Cristina Kirchner, e que Peppo, após ter chegado ao poder graças aos Capitanich, imediatamente se aproximou dos apoiadores de Mauricio Macri (o contexto político, lembremos, era ainda a recente corrida presidencial argentina do final de 2015).

Argentina, permitirá crear 75 empleos para jóvenes de la provincia” (Anônimo5, 2016); ou “(...) se estima que generará alrededor de 1500 puestos de trabajo formales entre directos e indirectos” [e, nas palavras indicadas como do governador] “(...) genera empleo genuino y en particular mano de obra para la juventud chaqueña” (Anônimo6, 2016).⁹ É comemorada então, pode-se dizer, a geração de empregos “genuínos” para os “vagos”.

Vejamos agora como é narrada a fictícia chegada de Chuñi Benite ao evento e sua posterior “vergonhosa expulsão”. O texto se inicia como o dos demais jornais, enaltecendo a presença dos figurões políticos locais. Mas as piadas e a acidez política se fazem presentes desde as primeiras linhas:

(...) todo estaba listo en el flamante local de comidas rápidas para recibir las autoridades que iban a encabezar el acto de inauguración, el señor gobernador de todos los chaqueños, Domingo Lluvioso Peppo, y el señor intendente de todos los resistencianos, Jorge Hilton Capitanich. Como se sabe, pero nadie admite, ambos líderes populares se tienen más o menos el mismo aprecio que Donald Trump y el Ejército Zapatista de Liberación Nacional (Anônimo1 [PEPE], 2016, s/p).

Daí em diante é narrado o momento em que os políticos adentram o shopping¹⁰ em que se localiza o restaurante e se encaminham para o mesmo. No caminho, passam por um grupo de “intelectuais de *Villa San Juan*” (entre eles o senhor Benite), que, ao verem a comitiva do governador a caminho da loja, procuram se mesclar ao grupo a fim de entrar no evento, que era fechado. Manobra percebida pela segurança do shopping em função da atitude do grupo:

(...) tomaban vino tinto de una botella de gaseosa. El intento de impedir que se advirtiera la libación alcohólica era burdo, ya que el envase utilizado era de Sprite. En ese momento el literato y los suyos intentaron mezclarse con las comitivas de funcionarios provinciales y municipales, pero la maniobra fue fácilmente advertida por los custodios del shopping, sobre todo porque Benite y su gente se habían quitado las remeras y las hacían girar como hélices de helicópteros mientras cantaban a los gritos “Brasil, decime qué se siente...”.

⁹ As matérias de ambos os jornais citados não são assinadas. Os textos completos podem ser acessadas nos portais dos respectivos jornais através dos links listados ao final do artigo.

¹⁰ É interessante aqui fazer uma esclarecimento: nunca antes Resistencia teve um shopping. Este, recente, é o primeiro. O pretense desenvolvimento social e econômico é aqui que se está medindo, desimportando se a cidade ainda tem elevados índices de desemprego e pobreza, os ricos e novos ricos produtores de soja agora têm, vê-se, acesso aos bens ícones do capitalismo. A ascensão do cultivo de soja e os efeitos disto na Província do Chaco lembram em muito o processo símil ocorrido em alguns estados do Centro-Oeste, Norte e Sul do Brasil.

También había algunas banderas y pancartas en las que se leía “Fuera yanquis de la avenida Sarmiento”¹¹ y “Estado Sunido devolveno las Malvina, el Canal de Bigle y la Peña de Gilbratar”. Cerca de un local de electrodomésticos, los revoltosos también quemaron cubiertas y un muñeco de Chuck Norris. Además, pintaron vidrieras con aerosol exigiendo una revancha de Marvin Hagler a Juan “Martillo” Roldán por la pelea que ambos protagonizaron en 1988 (Anônimo 1 [PEPE], 2016, s/p).

A isto se segue um bate-boca e confusão entre os intelectuais de *Villa San Juan* e a segurança do shopping, que progride para uma troca de agressões físicas que culmina na chegada da polícia e prisão de Benite e seus companheiros.¹² Me interessa, porém, que exploremos o trecho citado acima. À primeira vista a descrição de Benite e seu grupo, e posterior briga com seguranças e polícia, faz lembrar as inúmeras situações de conflito que vemos em shoppings no Brasil. Quando grupos de jovens de periferia, de favelas ou bairros de população de baixa renda se reúnem em shoppings de capitais brasileiras, muitas vezes são recebidos com receio pela administração e público de classe média e alta desses ambientes. Há, inclusive, incontáveis casos de shoppings que proíbem a entrada de jovens destes contextos sociais através de um filtro visual: proíbem a entrada de pessoas com as vestimentas que estes grupos costumam usar.¹³ Claro, no texto do *Angaú Noticias* há claramente também uma crítica, em tom bem humorado, ao comportamento e práticas destes jovens. Mas acho interessante refletir sobre o simbolismo dessa hipotética situação imaginada que tanto se assemelha à realidade: por que os jovens de *Villa San Juan*, ou de qualquer outra *Villa*, são bem vindos a um shopping na função de servir, mas não enquanto clientes? Nem sempre há exageros ou “mau comportamento” por parte destes grupos. Então, por que a ideia de empregá-los no McDonald’s é vista como interessante, mas permitir a eles se reunirem em shoppings para lazer não o é? Vejam, não pretendo aqui dar respostas nem impor ou sugerir uma posição ideológica em relação a isto. Proponho-me somente, assim como os autores do *Angaú Noticias*, a incitar reflexões. E por isto trago mais um teórico para este texto, a fim de enriquecer estas discussões.

11 A *Avenida Sarmiento* é uma recentemente modernizada rua de Resistencia. Nela fica o shopping onde “ocorreram” os eventos narrados no texto aqui analisado.

12 A descrição do combate é a parte de humor mais raso do texto, com descrições surreais e de humor até escatológico. Após o fim da descrição, o texto retoma o tom político.

13 Estes casos são tão comuns em grandes cidades brasileiras que não creio nem ser necessário listar exemplos de matérias jornalísticas sobre o tema aqui. Caso algum leitor queira se informar, basta fazer uma rápida pesquisa online sobre “rolê” ou “rolezinho” no shopping (nome dado a estes encontros) para encontrar uma lista infindável de matérias sobre o assunto.

Néstor García Canclini, em seu livro *Culturas Híbridas*, traz algumas interessantes reflexões sobre as construções dos “manuais” comportamentais e de consumo na sociedade. No capítulo *Culturas Híbridas, Poderes Oblíquos*, por exemplo, ele diz que:

O desenvolvimento moderno tentou distribuir os objetos e os signos em lugares específicos: as mercadorias de uso atual nas lojas, os objetos do passado em museus de história, os que pretendem valer por seu sentimento estético em museus de arte. Ao mesmo tempo, as mensagens emitidas pelas mercadorias, pelas obras históricas e artísticas, e que indicam como usá-las, circulam pelas escolas e pelos meios massivos de comunicação. Uma classificação rigorosa das coisas, e das *linguagens* que falam delas, sustém a organização sistemática dos espaços sociais em que devem ser consumidos. Essa ordem estrutura a vida dos consumidores e prescreve comportamentos e modos de percepção adequados a cada situação. Ser culto em uma cidade moderna consiste em saber distinguir entre o que se compra para usar, o que se rememora e o que se goza simbolicamente. Requer viver o sistema social de forma compartimentada (CANCLINI, 2000, p. 300-301).

Explicando como se desenvolveu, ao longo da modernidade, um sistema de compartimentação de comportamentos sociais. Uma normatização pelo hábito, que só aceita determinados comportamentos e consumos em certos espaços sociais. E que ser “culto” em uma pólis moderna¹⁴ é saber perambular entre estes espaços e situações adaptando seu comportamento a cada um deles. Canclini fala de como o “mercado reorganiza o mundo público como palco do consumo e dramatização dos signos de *status*”, em que as pessoas cumprem “obrigações profissionais ou para desfrutar uma diversão programada, quase sempre conforme a renda econômica” (CANCLINI, 2000, p. 288). Mas estas normatizações sociais são construções discursivas, comportamentos socialmente induzidos, não baluartes inalteráveis. Então é fácil entender porque muitas vezes – como o próprio Canclini aponta –, geram conflitos:

14 E aqui também voltamos à questão do “Por que, inicialmente, parece cômico tratar Benite como uma figura ilustre, como um homem culto?”, levantada anteriormente deste artigo. A questão é que vinculamos a ideia de “ser” culto a um estereótipo. Um rótulo, que, como Canclini explica, já não faz sentido no contexto da cultura urbana. Canclini diz, por exemplo, que em seu livro discute a “hibridação intercultural, ampliando o debate sobre os modos de nomeá-la e os estilos com que é representada”. E aborda, “uma noção que aparece nas ciências sociais como substituto do que já não pode ser entendido sob os rótulos de culto ou popular: usa-se a fórmula cultura urbana para tratar de conter as forças dispersas da modernidade”. Além de discutir os processos tidos por ele como “fundamentais para explicar a hibridação, a quebra e a mescla das coleções organizadas pelos sistemas culturais, a desterritorialização dos processos simbólicos e a expansão dos gêneros impuros” (CANCLINI, 2000, p. 284).

Contudo, a vida urbana transgride a cada momento essa ordem. No movimento da cidade, os interesses mercantis cruzam-se com os históricos, estéticos e comunicacionais. As lutas semânticas para neutralizar, perturbar a mensagem dos outros ou mudar seu significado, e subordinar os demais à própria lógica, são encenações dos conflitos entre as forças sociais: entre o mercado, a história, o Estado, a publicidade e a luta popular para sobreviver (CANCLINI, 2000, p. 301).

Voltando agora ao texto do *Angaú Noticias*, considero interessante também as descrições do protesto dos personagens/habitantes de *Villa San Juan* contra a abertura da franquia da rede ianque. Primeiro em função dos símbolos escolhidos para o protesto: a queima de um boneco do ator Chuck Norris e a exigência de uma revanche de uma luta famosa de boxe. Pois, além de gerarem um tom cômico para a situação, expõe detalhes bastante tangíveis da relação e influência cultural norte americana sobre a América Latina. E, segundo, pelo texto de uma das placas de protesto, que é descrita como contendo a frase “Estado Sunido devolveno las Malvina, el Canal de Bigle y la Peña de Gilbratar” (Anônimo1 [PEPE], 2016, s/p). Num protesto que computa três conflitos distintos que envolveram a Argentina – tanto já independente quanto enquanto colônia espanhola –, o Chile e o Reino Unido.¹⁵ Inimigos do passado que são tratados como uma única entidade imperialista personificada, no cartaz, como os Estados Unidos da América. Em mais uma piada que carrega – na aparente comicidade pela inicial presunção de ignorância do protestante que podemos criar – uma potência reflexiva maior do que tem à primeira vista. Não vou aqui iniciar uma discussão historiográfica sobre as relações das citadas contendidas enquanto reflexos dos processos de conflito entre e contra os grandes impérios europeus, suas reverberações nas colônias, e todas as indefinições fronteiriças que geraram os processos de independência e a formação dos Estados nacionais latino americanos. Nem sobre a possibilidade de considerarmos os Estados Unidos da América como o império que coloniza estas jovens nações hoje. O que eu quero é apontar a imensidão de possibilidades de análise contidas em uma única frase de um texto de ficção. Quanta potência e simbolismo pode uma piada de um texto de humor conter.

15 Os conflitos citados, deduzo, são a Guerra das Malvinas (1982) entre Argentina e Reino Unido, o Conflito de Beagle (1978), entre a Argentina e o Chile, e a cessão (do Rochedo) de Gibraltar pela Espanha ao Reino Unido (1713) após a Guerra de Sucessão Espanhola.

No fim, após a narrativa dos protestos e da prisão de Benite e demais literatos de *Villa San Juan*, o texto do *Angaú Noticias* volta sua atenção aos discursos dos políticos ocorridos no evento factual de inauguração. Sobre a geração de empregos e as oportunidades de negócios, e os discursos encarados com muito otimismo pela imprensa *chaqueña* (como vimos pelos textos do *Diario Norte* e do *Chaco día por día*), escreveu o *Angaú Noticias*:

Pese a la conmoción generada, el acto de inauguración se llevó a cabo. Capitanich, al cabo de dos horas y cuarto de hablar de los indicadores macro y microeconómicos del presente nacional e internacional, dijo que como alcalde de Resistencia se comprometía a conseguir que al menos el 10% de las semillas de sésamo que llevan los panes de las hamburguesas de la cadena norteamericana sean provistos por productores locales. Peppo, por su parte, minimizó los hechos de violencia de minutos antes (“no permitamos que los inadaptados de siempre empañen los logros de la Patria”) y celebró “la llegada de esta inversión que nos pone a la altura de las principales capitales del mundo, donde también hay locales McDonald’s” (Anônimo 1 [PEPE], 2016, s/p).¹⁶

Como se vê, o texto assinado pelos Pepes assume um tom bastante ácido em relação às promessas dos políticos sobre as enormes possibilidades de negócios para produtores locais. Questionando (como sempre com humor) as chances dos pequenos produtores *chaqueños* virem a ser, em fato, os fornecedores da cadeia de restaurantes. Se a chegada do McDonald’s significará, efetivamente, um aumento de renda para as populações mais necessitadas da província. E brinca com o discurso do governador, cedendo a ele na ficcionalidade a frase “*no permitamos que los inadaptados de siempre empañen los logros de la Patria*” (Anônimo1 [PEPE], 2016, s/p). Escancarando novamente os conflitos e preconceitos sociais que culpabilizam determinadas camadas da sociedade por um “atraso” no progresso da nação. Atacando novamente a ferida sempre aberta que é o preconceito em relação aos ditos “inadaptados”, àqueles que vivem à margem da sociedade. O que acaba ironizando a comemoração presente em outra frase (já não tão ficcional, já que isto foi comemorado também no discurso real): “*la llegada de esta inversión que nos pone a la altura de las principales capitales del mundo, donde también hay locales McDonald’s*” (Anônimo1 [PEPE], 2016, s/p). Que explicita a ambição do governante em colocar a cidade de Resistencia num patamar equivalente ao das principais capitais do mundo.

¹⁶ Este trecho ‘pinta’ um retrato de cada um desses políticos. Capitanich, kirchnerista que também foi Ministro da Economia e Desenvolvimento Social da Argentina em 2001, utilizava repetidamente este modelo de discurso ao falar com jornalistas. Peppo, por sua vez, fica retratado pelo discurso politicamente correto à que constantemente recorre, e visivelmente alinhado ao neoliberalismo do governo de Macri.

Agora pergunto a você leitor: excluindo-se o teor puramente humorístico do *Angaú Notícias*, o que soa mais ficcional? A ideia e discurso de progresso baseada na chegada de uma franquia de *Fast Food* estrangeira a uma cidade, ou a cena de conflito imaginada pelo *Angaú Notícias*, com um grupo de jovens de baixa classe econômica sendo expulsos e presos por tentarem participar de um evento junto da classe política da cidade? Considerar sinônimo de triunfo cultural a presença de uma loja de hambúrgueres em sua cidade, ou a desconfiança em relação ao positivo efeito sócio econômico prometido às classes necessitadas com a chegada do restaurante? Novamente, o que visó aqui não é tomar um posicionamento político em relação à inauguração do McDonald's em Chaco, ou tentar desvendar a efetividade econômica disto. Mas sim refletir sobre as tênues fronteiras entre ficção e realidade, em específico, na imprensa, e nos processos pelos quais a ficção influi no real. Citando novamente Canclini, que no trecho a seguir falava de mídias diversas (Tv, cinema, e até videogames), mas que, creio, coincide com as discussões aqui pretendidas:

Não se trata, é claro, de retornar às denúncias paranoicas, às concepções conspirativas da história, que acusavam a modernização da cultura massiva e cotidiana de ser um instrumento dos poderosos para explorar mais. A questão é entender como a dinâmica própria do desenvolvimento tecnológico remodela a sociedade, coincide com movimentos sociais ou os contradiz. Há tecnologias de diferentes signos, cada uma com várias possibilidades de desenvolvimento e articulação com as outras. (...) Os sentidos das tecnologias se constroem conforme os modos pelos quais se institucionalizam e se socializam (CANCLINI, 2000, p. 308).

A própria presença de figuras de grande representatividade política à inauguração da franquia internacional é um brinquedo midiático, uma encenação. Uma peça teatral com a qual nossa sociedade se acostumou a conviver no seu dia a dia. Numa novela que acompanha diariamente através dos jornais (mais ainda dos telejornais). Algo amplamente discutido por Canclini, autor a que apelo aqui mais uma vez:

'Aparecer em público' é hoje ser visto por muita gente dispersa frente ao televisor familiar ou lendo um jornal em sua casa. Os líderes políticos e intelectuais acentuam sua condição de atores teatrais, suas mensagens são divulgadas se são 'notícia', a 'opinião pública' é algo mensurável por pesquisas de opinião. O cidadão se torna cliente, 'público consumidor' (CANCLINI, 2000, p. 290).

Todas estas questões demonstram que a divisão em termos valorativos ou hierárquicos entre “realidade” e “ficção” é como disse o já citado Saer, uma “mera fantasia moral”. A ficção não pode ser tratada como sinônimo de falsidade, como antagonista da verdade. Ela não visa competir com a não-ficção. Não deve nem solicita ser vista como verdade. E aqui podemos voltar às lúcidas declarações de Saer, o qual discorre da seguinte maneira:

(...) la ficción no solicita ser creída en tanto que verdad, sino en tanto que ficción. Ese deseo no es un capricho de artista, sino la condición primera de su existencia, porque sólo siendo aceptada en tanto que tal, se comprenderá que la ficción no es la exposición novelada de tal o cual ideología, sino un tratamiento específico del mundo, inseparable de lo que trata. Este es el punto esencial de todo el problema, y hay que tenerlo siempre presente, si se quiere evitar la confusión de géneros. La ficción se mantiene a distancia tanto de los profetas de lo verdadero como de los eufóricos de lo falso (SAER, 2014, p.12).

E é para este ponto central de todo o problema a que se refere Saer, que os teóricos citados no início deste artigo também apontavam: a ficção é um tratamento específico do mundo, inseparável do que trata. Ficção e realidade são indissociáveis, pois uma se ancora na outra, uma influi na outra. As ficções, os “enunciados políticos e literários” – como vimos com Rancière –, são parte de um “saber cultural”, são produtores de sentido que fazem efeito no real (RANCIÈRE, 2009, p.59). Por isto me alinho com os teóricos que valorizam obras ficcionais como fonte para pesquisas sobre os contextos em que se inserem. Aos teóricos que valorizam como diz Rosane Kaminski, “a historicidade e a potência política dos produtos artísticos”, reconhecendo seus efeitos no real, sua corporificação na realidade. E não os vendo como algo à parte do mundo (KAMINSKI, 2013, p. 65).

E o literato Chuñi Benite, para mim, passando por cima de qualquer possível preconceito relacionado ao viés humorístico, é um destes produtos artísticos que ganham corpo. Que transitam entre o ficcional e o literário. Claro, não estou dizendo que os textos do *Angaú Noticias* devem ser encarados como não-ficção. Eles são ficções. Mas são ficções que (voltando a Saer uma vez mais) constroem um tratamento específico do mundo, inseparável daquilo que tratam. São textos que produzem um simbolismo, que transmutam elementos e características sociais em personagens muito representativos. Como diz Saer:

No podemos ignorar que en las grandes ficciones (...) está presente ese entrecruzamiento crítico entre verdad y falsedad, esa tensión íntima y decisiva, no exenta ni de comicidad ni de gravedad, como el orden central de todas ellas, a veces en tanto que tema explícito y a veces como fundamento implícito de su estructura. El fin de la ficción no es expedirse en ese conflicto sino hacer de él su materia, modelándola “a su manera”. (...) Podemos definir de un modo global la ficción como una antropología especulativa¹⁷ (SAER, 2014, p. 15-16).

E como diz Marcio Seligmann-Silva, “todos temos uma intuição do que seria ficção ou um relato factual”, mas “(...) não existe nenhum relato puramente factual, assim como toda ficção está marcada pelo real e, portanto, se não ‘representa’ (no sentido positivista), no mínimo indica a realidade de onde nasceu” (SELIGMANN-SILVA *apud* KAMINSKI, p.66). Então, por fim, convenhamos: o *Angaú Noticias* e o ilustre literato Chuñi Benite são, definitivamente, muito indicativos da realidade onde nasceram. Neles reside, estou seguro, uma potência simbólica e política muito grande. Uma potencialidade para análise literária e histórica que, acreditei eu, merecia a atenção, por exemplo, deste artigo. E, dito isto, creio que aqui podemos encerrar nosso breve passeio pelos charcos ficcionais, políticos e jornalísticos *chaqueños*.

REFERÊNCIAS:

Anônimo1 [PEPE, Dondudad]. Bochornosa expulsión del literato Chuñi Benite en la inauguración del McDonald’s chaqueño. [18 de Setembro de 2016]. Resistencia, Argentina: Site **Angaú Noticias**. Disponível em: <<http://www.angaunoticias.com.ar/variete/2948-mcdonalds.html>>. Acesso em: jan. 2019.

Anônimo2. **Angaú Noticias**: la prensa que te miente pero avisa. Resistencia, Argentina. Site disponível em: <<http://www.angaunoticias.com.ar/>> Acesso em: jan. 2019.

Anônimo3. Fanpage de Chuñi Benite. <<https://www.facebook.com/ChuniBenite/>> Acesso em: jan. 2019.

Anônimo4. McDonald’s abriu sus puertas en el patio de comidas del Shopping Sarmiento. [15 de Setembro de 2016]. Resistencia, Argentina: Jornal **Chaco dia por dia**. Disponível em: <<http://chacodiapordia.com/interes-general/noticia/113855/mcdonald%E2%80%99s-abrio-sus-puertas-en-el-patio-de-comidas-del-shopping-sarmiento>>. Acesso em: jan. 2019.

17 Para mais informações sobre a noção de literatura como uma antropologia especulativa, que não abordarei com mais afinco aqui, fica a sugestão do seguinte artigo: NODARI, Alexandre. La literatura como antropología especulativa. **ClimaCom Cultura Científica**. Campinas, ano 3, n. 6, p. 69-81, ago. 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2014/12/dossie_territorios.pdf>. Acesso em: 19 de jul. 2017.

Anônimo5. McDonald's abrirá a finales de septiembre en Resistencia y empleará a 75 chaqueños. [26 de Julho de 2016]. Resistencia, Argentina: Jornal **Diario Norte**. Disponível em: <<http://www.diarionorte.com/article/140420/mcdonald%E2%80%99s-abrira-a-finales-de-septiembre-en-resistencia-y-empleara-a-75-chaquenos>>. Acesso em: jan. 2019.

Anônimo6. Se inauguró un local de McDonald's en Chaco. [15 de Setembro de 2016]. Resistencia, Argentina: Jornal **Diario Norte**. Disponível em: <<http://www.diarionorte.com/article/142503/se-inauguro-un-local-de-mcdonald%E2%80%99s-en-chaco>>. Acesso em: jan. 2019.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 3ª ed. São Paulo: Editora da USP, 2000.

KAMINSKI, Rosane. Reflexões sobre a pesquisa histórica, a ficção e as artes. In: FREITAS, Artur (org.); KAMINSKI, Rosane (org.). **História e Arte**: encontros disciplinares. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 65-93.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Trad. Mônica Costa Netto. 2ª ed. São Paulo: EXO experimental; Editora 34, 2009.

SAER, Juan José. **El concepto de ficción**. 4ª ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2014.